

A Questão da Estrutura Morfológica dos Topônimos: Um Estudo na Toponímia Sul-Mato-Grossense

Marineide Cassuci TAVARES
Faculdades Integradas de Ponta Porã - FIP
Aparecida Negri ISQUERDO
Universidade Estadual de Londrina – UEL/CNPq

Resumo: Este trabalho discute processos de formação de palavras evidenciados na estrutura morfológica de topônimos pertencentes a dezesseis municípios de três microrregiões administrativas do estado de Mato Grosso do Sul, com destaque para os designativos formados por derivação e por composição. O estudo examina a preferência dos denominadores quanto à escolha de nomes, em termos de estruturação morfológica, destacando os índices de ocorrências de nomes derivados e de compostos como uma das características da toponímia da região estudada.

Palavras-chave: toponímia; léxico; estrutura morfológica; Mato Grosso do Sul.

Abstract: This article is focused on different processes of word formation found in the morphological structure of toponyms that belong to sixteen municipalities from three administrative micro-regions in the state of Mato Grosso do Sul, with prominence for the designatives formed by derivation and composition. The study examines the preference of denominators as for the choice of names, in terms of morphological structuring, highlighting the indexes of occurrences of derived and compound names as one of the characteristics of the toponymy here studied.

Keywords: toponymy; vocabulary; morphological structure; Mato Grosso do Sul.

Resumen: Este trabajo discute procesos de formación de palabras evidenciadas en la estructura morfológica de topónimos pertenecientes

a dieciséis ciudades de tres micro regiones administrativas de Estado de Mato Grosso del Sur, con énfasis para los designativos formados por derivación y por composición. El estudio examina la preferencia de los dominadores cuanto a la selección de nombres, en términos de estructuración morfológica, destacando los índices de ocurrencias de nombres derivados y compuestos como una de las características de la toponímica de la región estudiada.

Palabras clave: toponímica; léxico; estructura morfológica; Mato Grosso del Sur.

Introdução

O estudo de uma cultura, entendida como a somatória de valores de um grupo humano, deve considerar, prioritariamente, a questão da língua, pois ela configura-se como um instrumento revelador do pensamento e dos costumes daqueles que a utilizam, uma vez que “traduz toda uma cultura, traduz todo um universo peculiar com suas implicações psicológicas e filosóficas que é preciso alcançar para enriquecimento da experiência” (BORBA, 1984, p. 7). É também por meio da língua que cada grupo social nomeia o meio que o cerca em função de suas necessidades imediatas, o que denota a influência que o ambiente físico e social exerce sobre a linguagem e sobre a forma de uma comunidade lingüística ver o mundo.

O ato de nomear reflete, pois, a cultura e a visão de mundo do denominador que são demonstradas por meio das escolhas dos nomes que identificam os referentes relacionados à realidade de cada grupo. Particularmente, no ato de nomeação dos lugares a dimensão cultural da língua é muito evidenciada. Assim, a Toponímia, ramo da Onomástica que se ocupa do estudo dos nomes próprios de lugares, mantém interfaces com outras áreas do conhecimento, como a História, a Geografia, a Antropologia, dentre outras.

Na dimensão lingüística, o estudo dos topônimos – nomes de lugares – pode ser realizado sob diferentes perspectivas: análise de estratos lingüísticos evidenciados pelos designativos, classificação taxionômica dos nomes e análise de taxas predominantes, discussão da motivação semântica dos nomes, estudo diacrônico referente às mudanças de nomes, análise da estrutura morfológica dos topônimos. Dentre esses vários aspectos que podem ser estudados,

discutimos, neste trabalho, a questão da análise da estrutura morfológica dos topônimos, elemento indispensável no tratamento lexicográfico de dados toponímicos.

1 Situando a Pesquisa

Este trabalho focaliza um recorte dos resultados de uma pesquisa mais ampla sobre a toponímia sul-mato-grossense,¹ cujo *corpus* foi coletado das folhas cartográficas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de escala de 1: 250.000, datadas de 1987, que contemplam as microrregiões Alto Taquari (MR-03), Campo Grande (MR-04) e o município de Ribas do Rio Pardo (microrregião de Três Lagoas).² Esse material foi disponibilizado pela SEPLANCT – Secretaria de Estado de Planejamento e de Ciência e Tecnologia do estado de Mato Grosso do Sul. Para o levantamento dos nomes dos acidentes humanos, foi consultado, ainda, um documento elaborado pelo Governo do estado de Mato Grosso do Sul,³ que somou dados aos obtidos por meio das cartas.

No *corpus* analisado, dos 1.146 nomes coletados, 340 são nomes formados por derivação e 265 por composição, perfazendo um total de 605 topônimos, ou seja, 52,80% do total do *corpus*. A pesquisa contemplou a análise dos topônimos de acidentes físicos e humanos da área delimitada para o estudo, e teve por finalidade examinar os topônimos do ponto de vista lingüístico e recuperar aspectos histórico-sociais da memória local. A análise lingüística dos

¹ Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Mestrado em Letras da UFMS, em 2005, com o tema *Estudo toponímico da região Centro-Norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história*. Trabalho orientado pela Dr.^a Aparecida Negri Isquerdo.

² Municípios que formam a microrregião *Alto Taquari*: Sonora, Pedro Gomes, Alcínópolis, Coxim, Rio Verde de Mato Grosso, São Gabriel do Oeste e Camapuã. Municípios que integram a microrregião *Campo Grande*: Rio Negro, Bandeirantes, Corguinho, Rochedo, Jaraguari, Terenos, Campo Grande e Sidrolândia.

³ Referimo-nos ao documento **Perfil do município**. SEPLAN-MS (Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral) e FIPLAN-MS (Fundação Instituto de Apoio ao Planejamento do Estado). Campo Grande, 1989.

designativos foi pautada, fundamentalmente, pelo modelo teórico de Dick (1990; 1992) e, para a análise morfológica, contamos, ainda, com suporte teórico fornecido de Carone (1998) e Sandmann (1991; 1992).

2 Apresentando e Discutindo os Dados

Para a discussão da estrutura morfológica dos topônimos, selecionando para este trabalho os designativos formados por composição e por derivação, processos muito recorrentes no *corpus* da pesquisa de Tavares (2005).

O assunto aqui abordado foi estruturado segundo os seguintes critérios: i) apresentação de uma amostra de topônimos que ilustram os processos de formação mais recorrentes, com ênfase para as formas derivadas aumentativas e diminutivas (Quadro I); ii) análise da estrutura dos designativos estudados, considerando as dimensões quantitativa e qualitativa (Gráfico I e Quadros II e III).

Assim, considerando o primeiro critério, organizamos o Quadro I,⁴ a seguir, que visualiza uma amostra⁵ de topônimos, a partir da qual foi discutida a questão da estrutura morfológica dos designativos e a conseqüente criatividade do denominador frente ao processo de nomeação. Fornece, pois, uma visão geral, mais detalhada, da estrutura dos topônimos aqui estudados com o objetivo de demonstrar o tipo de formação predominante entre os nomes dos acidentes geográficos físicos e humanos coletados na área investigada. A estrutura do Quadro contempla seis colunas: a) *topônimo base*: aquele nome considerado como o originário de outras formas; b) *derivado aumentativo*: formas derivadas formadas com sufixo aumentativo; c) *derivado diminutivo*: formas derivadas formadas com sufixo diminutivo; d) *outras formas derivadas*: topônimos formados a partir de outros sufixos, que não são marcadores de diminutivo ou de aumentativo; e) *forma composta*: originadas da junção do topônimo base com outro formante. O número entre parênteses após o topônimo indica a quantidade de

⁴ O Quadro I reúne apenas uma amostra de topônimos que foram registrados com mais de uma forma, ou seja, não estão registrados nem todos os nomes derivados e nem todos os compostos.

⁵ Não foram inseridas no Quadro as categorias que tiveram percentual inferior a 1%.

ocorrência do designativo no conjunto do *corpus*. Já os espaços vagos na primeira coluna – *topônimo base* – demonstram que não foi registrada no *corpus* a forma primitiva do topônimo em questão. Não foram considerados aqui, para fins de análise, topônimos indígenas cujas formações ainda não foram incorporadas à língua portuguesa, como é o caso de *Anbanduí/Anbanduízinho*, dada a dificuldade de identificação dos respectivos elementos formadores, em decorrência, sobretudo, da escassez ou quase ausência de fontes a respeito da estrutura de línguas indígenas representadas na toponímia em análise.

Quadro I – Amostra de topônimos, organizados segundo o processo de formação.

Topônimo base	Derivado aumentativo	Derivado diminutivo	Outras formas derivadas	Forma composta
Arcia (9)	Areão (1)	-	Areado (4)	-
-	-	-	Baianópolis (2)	-
		Bananalzinho (1)	Bananal (1)	-
	Barreirão (3)	Barreirinho (6)	Barreiro (23) Barrentina (1)	Barro Branco (1)
Bonito (10)	-	Bonitinho (1)	-	-
Braço (1)	-	Bracinho (2)	-	-
Cachoeira (6)	Cachoeirão (2)	Cachoeirinha (11)	-	Cachoeira Branca (1)
Campo (2)	-	-	Campeiro (2) Campeira (1) Campina (1)	Campo Alegre (6) Campo Limpo (1) Campo Verde (1)
Feio (3)	-	-	Feioso (1)	-
Garimpo (3)	-	Garimpinho (3)	Garimpeiro (1)	-
-	Lajeado (2)	Lajeadinho (5)	Lajeado (1) Lajeado (5)	-
Lagoa (5)	Lagoão (1)	Lagoinha (2)	-	Lagoa Rica (1)
Limão (2)	-	-	Limoeiro (1)	-
Lobo (4)	-	Lobinho (1)	-	-
Morro (1)	-	Morrinho (1)	-	Morro Alto (2)

Mutuca (1)	-	Mutuquinha (1)	-	-
Negra (1) Negro (3)	-	Negrinho (1)	-	-
Pedra (3)	-	-	Pedreira (1)	Pedra Branca (1)
Perdiz (1)	Perdigão (1)	-	-	-
Pindaíba (1) Pindaiva (1)	Pindaibão (1)	-	-	-
Poço (1)	Poção (2)	Pocinho (1)	-	-
-	Ribeirão (1)	Ribeirãozinho (3)	-	Ribeirão Claro (1)
Salto (6)	-	Saltinho (3)	-	Saltinho Verde (1)
Serra (1)	-	-	Serrote (3)	-
Tapera (1)	Taperão (2)	-	-	-
-	Varjão (2)	Varginha (1) Varjãozinho (1)	-	-

Enquanto o Quadro I fornece uma visão parcial dos dados examinados na pesquisa de Tavares (2005), o Gráfico I, a seguir, permite uma visualização geral, em termos quantitativos, dos topônimos formados pelos processos de derivação e de composição, considerando os 1.146 topônimos analisados nessa mesma pesquisa.

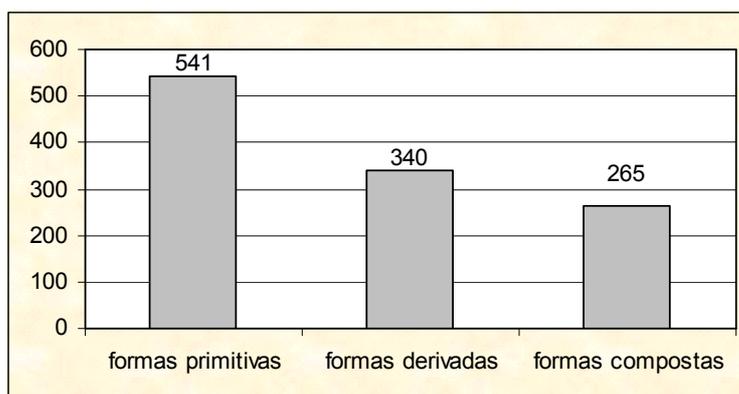


Gráfico I – Distribuição quantitativa dos topônimos, segundo a natureza da sua estrutura – formas primitivas, derivadas e compostas

Conforme ilustra o Gráfico I, os topônimos derivados somaram 340, representando 29,67% do total, e os 265 topônimos compostos representam 23,13% do *corpus*. Utilizamos a expressão *formas primitivas* para computar os topônimos base, que somaram 541 nomes, o que equivale a 47,20% do conjunto de topônimos estudados. São considerados formas primitivas, designativos como *Areia* e *Pedra* que nomeiam dois córregos no município de Campo Grande, e dos quais derivam *Areado* (córrego de São Gabriel do Oeste) e *Pedreira* (córrego de Bandeirantes), respectivamente.

Ao tratar da estrutura do topônimo, Dick (1992, p. 10) considera dois elementos formadores do nome: *termo* ou *elemento genérico*, “relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação”, e *termo* ou *elemento específico*, que é o “topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes”. Entre os dados deste estudo, ilustram essa divisão topônimos como *córrego Cabeceira Seca*, e *córrego Açude*, em que *córrego* representa o elemento genérico em cada formação e *Cabeceira Seca* e *Açude*, os elementos específicos.

No conjunto de topônimos analisados por Tavares (2005), os topônimos resultantes do processo de composição são formados basicamente por *justaposição*, ou seja, reúnem mais de uma palavra, de modo que nenhuma delas sofra perda silábica: *Belo Horizonte* (povoado em Bandeirantes), *Boa Sentença* (córrego em Rio Verde do Mato Grosso), *Cabeceira Seca* (córrego em Alcinópolis), *Dois Capões* (vazante em Coxim), *Campo Formoso* (povoado em Rio Negro).

Já a formação de nomes por *aglutinação* foi pouco produtiva no *corpus* estudado, registrando-se apenas as ocorrências *Alcinópolis* (município), *Sidrolândia* (município), *Alcilândia* (lugar em Terenos), *Juscelândia* (distrito de Rio Verde do Mato Grosso) e *Brasilândia* (lugar em Campo Grande), sendo os quatro primeiros, provavelmente, topônimos motivados por nomes próprios de pessoas, *antropotopônimos*, segundo o modelo taxionômico de Dick (1992), e o quinto, que resulta da junção da unidade lexical Brasil com o elemento de composição -lândia, um *corotopônimo*, segundo o mesmo modelo taxionômico. Embora esses topônimos tenham sido classificados nessas categorias toponímicas, em virtude da evidência da motivação, a etimologia de muitos designativos dessa natureza permanece muitas vezes obscura, dada a dificuldade de recuperação da origem de certos

formantes, o que dificulta a explicação do mecanismo de formação do designativo.

Caso semelhante acontece com as formações de base indígena, cuja estrutura, em sua maioria, reúne mais de um formante. Nem sempre é possível identificar com precisão a origem do termo, fato que gera dificuldades na análise da estrutura mórfica dos topônimos, em especial, no que concerne à perda ou ao acréscimo de morfemas às palavras de base indígena. É o que ocorre, por exemplo, com *Piracanjuba*, nome de um ribeirão em Ribas do Rio Pardo, cuja estrutura a princípio sugere tratar-se de uma palavra simples, mas que, na verdade, se configura como uma palavra composta, segundo dados fornecidos por Sampaio (1987, p. 301): “Pirá-acan-yuba, o peixe de cabeça amarela ou dourada. São Paulo”.

Já os topônimos oriundos do processo de derivação, foram mais produtivos entre os coletados para a pesquisa em questão, sobretudo os formados por meio de *sufixos*, que representam a maioria das palavras derivadas encontradas no *corpus*, em especial os constituídos por *sufixos aumentativos* – *Poção* (córrego em Jaraguari; cabeceira em Terenos), *Figueirão* (distrito de Camapuã), *Cachoeirão* (povoado em Terenos), *Brejão* (córrego em Rio Verde do Mato Grosso), que totalizaram 13,53% dos topônimos formados por derivação, e por *sufixos diminutivos* – *Mutuquinha* (córrego em Camapuã), *Postinbo* (lugarajo em Camapuã), *Bracinho* (povoado em Bandeirantes), que somaram um montante de 15% dos topônimos derivados.

Além desses, são recorrentes nomes formados pelas terminações *-ado(a)* – *Capado* (povoado em Bandeirantes), *Prateado* (povoado em Jaraguari), *Picada* (córrego em Camapuã) – e *-eiro(a)* – *Limeira* (córrego em Alcínópolis), *Pombeiro* (córrego em Rio Verde de Mato Grosso), *Cruzeiro* (córrego em Sidrolândia). Também foram recorrentes topônimos formados por *derivação regressiva*, processo que resulta na criação dos *substantivos deverbais* ou *pós-verbais*, formados pela junção de uma das vogais *-o*, *-a*, ou *-e* ao radical do verbo (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 102). É o que ocorre com os topônimos *Desprezo* (córrego em Campo Grande), *Engano* (ribeirões em Alcínópolis e Camapuã, córrego em Campo Grande), *Esparramo* (córregos em Coxim e em São Gabriel do Oeste)/*Esparrame* (cabeceira em Camapuã), *Garimpo* (córregos em Rio Negro, Ribas do Rio Pardo e Rio Verde do Mato Grosso), *Recreio* (lugarajo em Coxim, córrego em

Ribas do Rio Pardo), *Retiro* (ribeirão em Alcinópolis, córregos em São Gabriel do Oeste, Camapuã, Campo Grande e Ribas do Rio Pardo) e *Rodeio* (córregos em Coxim e em São Gabriel Oeste), formas regressivas dos verbos *desprezar*, *enganar*, *esparramar*, *garimpar*, *recrear*, *retirar* e *rodear*, respectivamente.

Quanto à natureza da classe gramatical dos seus elementos, as quatro formações compostas mais produtivas no *corpus* da pesquisa de Tavares (2005) foram as que apresentam as seguintes estruturas: S+S (substantivo+substantivo); A+S (adjetivo+substantivo); S+A (substantivo+adjetivo); N+S (numeral+substantivo). O Quadro II, a seguir, permite a visualização das formações de topônimos compostos mais recorrentes.

Quadro II – Topônimos formados pelo processo de composição

Tipo de formação	Quantidade	Exemplos
substantivo+substantivo	98	José França, Rodolfo Gonçalves, Querino França, São Francisco, Santa Terezinha, Santa Olinda, Colônia Jamic, Colônia Risolândia, Vila Recreio, Porto Badeco.
substantivo+adjetivos	80	Campo Alegre, Água Boa, Água Limpa, Volta Grande, Pouso Alto, Pouso Alegre, Retiro Seco, Retiro Velho, Cervo Novo, Pedra Branca.
adjetivo+substantivo	19	Bom Sucesso, Bom Jardim, Boa Fortuna, Boa Sentença, Boa Sorte, Belo Horizonte, Boa Vista.
numeral+substantivo	13	Dois Capões, Sete Placas, Três Barras, Dois irmãos, Três Marias.

Outras combinações apareceram em número bem reduzido, como as formadas por V+S – *Quebra Galho* (lugarajo em Rio Verde do Mato Grosso), *Fala Verdade* (povoado em Coxim); por S+S+A – *Colônia Várzea Alegre* (colônia em Terenos); S+S+P+S – *Santa Tereza do Sul* (povoado em São Gabriel do Oeste), *Retiro Estrela do Sul* (povoado em Coxim), e por S+S+S – *Posto São Pedro* (lugarajo

em Bandeirantes), *Fazenda São Paulo* (povoado em São Gabriel do Oeste).

O Quadro III demonstra a incidência de topônimos derivados, com destaque para os sufixos mais recorrentes, considerando-se o total de topônimos analisados por Tavares (2005).

Quadro III – Topônimos formados pelo processo de derivação

Tipo de nomes	Sufixos	Exemplos
Diminutivos	-inho(a)	Bonitinho, Infeminho, Mantenhin, Panchinho, Rondinha, Negrinho, Trelinha, Jenipapinho, Mandioquinha, Mateirinha, Matinha, Taboquinha, Cerrinho, Chapadinha, Furninha, Morrinho, Pocinho, Valinho, Cachoeirinha, Lagoinha, Saltinho, Pontinha, Barreirinho, Barrentinha, Lajeadinho, Rochedinho, Barrinha, Torrinhãs, Garimpinho, Postinho, Potreirinho, Prainha, Retirinho, Bracinho, Cervinho, Douradinho, Galheirinho, Lobinho, Lontrinha, Mutuquinha, Varginha
	-zinho(a)	Jauruzinho, Bananalzinho, Buritizinho, Jatobazinho, Taquarizinho, Ribeirãozinho, Riozinho, Varjãozinho, Sertãozinho e Anhanduizinho.
Aumentativos	-ão	Manecão, Taperão, Canastrão, Pindaibão, Baixadão, Buracão, Corixão, Grotão, Poção, Lagoão, Areão, Brejão, Lajeado, Varjão, Perdigão
	-eirão	Figueirão, Boqueirão, Cachoeirão, Caldeirão, Ribeirão, Barreirão
Outros tipos de formações	-eiro(a)	Mineiro, Campeiro, Mateiro, Garimpeiro, Potreiro, Coqueiro, Figueira, Gameleira, Limoeiro, Mangabeira, Palmeira, Pimenteira, Limeira, Pedreira, Cachoeira, Cruzeiro, Corredeira, Barreiro, Chiqueiro
	-ado(a)	Cortado, Picada, Salgado, Invernada, Arrepiado, Alcantilado, Areado, Lajeado, Estivado, Capado, Queixada, Prateado, Decoada
	-al	Pombal, Acorizal, Bananal, Pirizal, Arrozal
	-(d)or	Virador, Pulador, Roncador, Atolador, Relador.

Dentre os sufixos diminutivos, destacam-se, na formação dos topônimos, o *-inbo(a)* e o *-zinbo(a)*. Não há uma regra bem definida quanto ao uso desses sufixos na formação de palavras diminutivas. Cunha e Cintra (1985, p. 91), por exemplo, esclarecem que, “excetuando-se o caso das palavras terminadas em *-s* e *-z*, que naturalmente exigem a forma *-inbo* (pires-inho, rapaz-inho), não é fácil indicar as razões que comandam a escolha entre *-inbo* e *-zinbo*”. No entanto, os autores explicam que é possível verificar, na norma culta, uma preferência pelas formações com *-zinbo*, com intuito de manter íntegra a pronúncia da palavra da qual a nova unidade lexical derivou. Fato diverso ocorre no *corpus* analisado, que contou com apenas 10 (dez) nomes formados com esse sufixo, equivalendo a apenas 0,87% do total. Como exemplo de topônimos formados com *-zinbo* temos *Jatobazinbo* (córrego de Bandeirantes) e *Taquarizinbo* (rio de Rio Verde do Mato Grosso). A linguagem popular, notadamente simplificadora, tende a formações com *-inbo*. Esse último sufixo foi o mais recorrentes no *corpus* aqui examinado e aparece em topônimos como *Postinbo* (lugarajo em Camapuã), *Negrinbo* (lugarajo em Rio Verde do Mato Grosso), *Bananalzinbo* (córrego em Alcinópolis), *Retirinbo* (córrego em Pedro Gomes). Os topônimos formados com esse sufixo somaram 3,57% do *corpus*.

Registramos ainda formas diminutivas com *-icho* (*Rabicho* – córrego em Campo Grande), *-ito* (*Mosquito* – córrego em Jaraguari), *-acho* (Riacho – lugarajo em Rio Verde do Mato Grosso), *-ete* (*Canivete* – córrego em Ribas do Rio Pardo), *-ote* (*serrote* – ribeirão em Ribas do Rio Pardo), todos com apenas uma ocorrência, e *-ino(a)* (*Correntino* – córrego em Corguinho; *Campina* – córrego em Campo Grande), com três ocorrências.

A tendência de formação de topônimos com a forma diminutiva, em especial os formados por *-inbo* e *-zinbo*, manifesta-se claramente na toponímia sul-mato-grossense, embora com produtividades distintas de acordo com cada microrregião.⁶ Pesquisas realizadas em todo o Estado comprovam essa assertiva, como a realizada por Dargel (2003) que detectou uma quantidade representativa

⁶ Outras pesquisadoras ocuparam-se do estudo da toponímia do estado de Mato Grosso do Sul: Schneider (2002), Dargel (2003), Tavares (2004), Gonsalves (2004) e Souza (2006).

de topônimos formados por sufixos diminutivos na região do Bolsão sul-mato-grossense: ⁷ 106 (cento e seis) num total de 1.341 nomes pesquisados.

Um aspecto a ser destacado é o fato de o uso de sufixos aumentativos e diminutivos na formação dos topônimos nem sempre estar associado ao tamanho do acidente. Topônimos como *Mutuquinha* (córrego em Camapuã) e *Jauruzinho* (ribeirão em Camapuã) parecem denotar mais um sentimento afetivo que a pequenez do acidente. Também *Inferninho* (córregos em Alcinópolis e São Gabriel do Oeste) não parece simbolizar simplesmente um inferno pequeno, ou um acidente de tamanho reduzido, mas apenas inferno. Logo, se trata de um topônimo que denota um estado anímico do denominador frente ao local nomeado, um *animotopônimo*, conforme a classificação taxionômica de Dick (1992). Em alguns casos, como o do córrego *Inferninho*, o uso do topônimo no diminutivo pode simbolizar uma maneira de amenizar a carga negativa que o tabu evoca.

Alguns topônimos admitiram em sua formação o que Sandmann (1991, p. 31) denomina de idiomatização de aumentativos e de diminutivos, fenômeno “que permite que um sufixo derivacional de grau não seja o último da série de afixos, admitindo inclusive outro sufixo de grau e até de semântica oposta”. Nos dados aqui examinados, ilustram esse processo os topônimos *Ribeirãozinho* (acidente geográfico em Camapuã, Corguinho e Ribas do Rio Pardo), *Varjãozinho* (córrego em Campo Grande) e *Sertãozinho* (ribeirão em Camapuã). A possibilidade do uso dos dois tipos de afixos em um mesmo topônimo é possível porque, nem sempre, esses formantes estão associados ao tamanho do acidente. A referência a um ribeirão, a um varjão ou a um sertão não implica que os referentes tenham tamanho maior que o comum, apesar de o nome conter em sua estrutura o sufixo aumentativo. Com relação ao sufixo diminutivo, o seu uso parece denotar, na maioria das vezes, muito mais um sentimento afetivo com relação ao espaço nomeado do que o tamanho do acidente propriamente dito.

Em alguns casos, os processos de *composição* e de *derivação* podem ser identificados simultaneamente. Apesar desse tipo de formação ser pouco recorrente no *corpus* deste trabalho, há alguns casos

⁷ O Bolsão sul-mato-grossense localiza-se na região Nordeste de MS, e faz divisa com Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

que exemplificam esse fenômeno como, por exemplo, *Santa Terezinha* e *São José do Rio Negrinho*, comprovando, assim, que um processo não exclui o outro, pelo contrário, “convivem tranqüilamente numa só palavra, e seu número não é restrito: podemos articular quantos nos forem necessários para a expressão de nossas idéias, como em *superdesmobilização*” (CARONE, 1998, p. 39).

Além das questões ligadas à formação das palavras, é importante situar o papel do denominador nesse processo, dado o seu papel como responsável direto pelas transformações na língua. Não podemos desconsiderar o princípio de que todo ser humano é inovador ao criar novas palavras, ou seja, todo em potencial é capaz de formar neologismos. Muitas vezes, num processo natural de criação, o usuário da língua cria novos vocábulos emendando, misturando, aumentando ou diminuindo partes dos nomes, que são, por vezes, incorporados à língua. Esse denominador é revelado, também, por meio do estudo dos topônimos, já que os designativos de lugares conservam a marca pessoal daquele que os concebeu.

Valendo-se dos mecanismos fornecidos pelo próprio sistema lingüístico, o falante faz uso da sua criatividade lexical e passa a contribuir com a formação de novos termos, cujo uso se cristaliza com o tempo já que,

depois que a palavra é formada se estabelece dentro do estoque mais ou menos comum de unidades lexicais utilizadas pelos falantes de uma língua, ela normalmente sofre um processo de lexicalização ou idiomatização, processo que também pode ser chamado de desmotivação. (SANDMANN, 1991, p. 29-30)

No âmbito deste estudo, podemos citar, como manifestação dessa criatividade lexical, a formação de *Inferninho* (córregos de Alcinópolis e São Gabriel do Oeste) e de *Risolândia* (lugarinho de Campo Grande). No primeiro caso, o denominador, ao nomear o espaço geográfico, recupera o mito do inferno, concebido no âmbito das religiões cristãs como um lugar muito assustador, quente, que provoca sofrimento. Tratando-se de um córrego, seria muito improvável que esse nome tivesse sido motivado por razões denotativas, ou seja, pela temperatura da água já que, para ser comparada ao protótipo do inferno, deveria ser não apenas morna, mas sim

fervente. No segundo exemplo, por tratar-se de um lugarejo, e por ser formado com a palavra riso, o topônimo recupera um ambiente alegre e descontraído, o que é reforçado por *-lândia*, sufixo que denota, quase sempre, lugares divertidos, a exemplo, do conhecido parque de diversões Disneylândia. É importante ressaltar a grande ocorrência de topônimos formados com esse sufixo, seja para nomear municípios de Mato Grosso do Sul – *Cassilândia, Sidrolândia, Brasilândia, Anaurilândia* – seja para identificar lugarejos – *Alcilândia, Marviolândia, Brasilândia* (lugarejos em Terenos, Coxim, Campo Grande) – ou um distrito – *Juscelândia* (distrito em Rio Verde do Mato Grosso).

Considerações Finais

Este estudo dá mostras da complexidade que envolve a questão da estrutura das palavras, em especial o estudo etimológico dos topônimos, visto que ser difícil, em muitos casos, recuperar, de forma confiável, a verdadeira origem de alguns designativos.

Apesar de a questão dos processos de *formação das palavras* ser abordada pelas gramáticas normativas e de haver muitos trabalhos voltados especificamente para esse aspecto da descrição da língua, como o de Carone (1998) e os de Sandmann (1991; 1992), dentre outros, em se tratando especificamente da estrutura de topônimos, ainda carecemos de estudos que discutam o assunto de forma mais exaustiva, isso porque “nem sempre é simples classificar as palavras, pô-las em gavetas pré-escolhidas e em que elas fiquem bem comportadas e acomodadas” (SANDMANN, 1997, p. 32).

Não foi nosso propósito realizar, no âmbito deste trabalho, uma análise profunda do tema, mesmo porque isso exigiria um estudo mais amplo e exaustivo. Em face disso, o estudo procurou apresentar uma visão geral das características da toponímia do estado de Mato Grosso do Sul, no que tange à estrutura dos topônimos, levantando também aspectos da problemática que paira sobre essa dimensão dos estudos toponímicos. Foi nossa intenção também focalizar preferências do denominador frente à escolha dos nomes dos acidentes, no que se refere aos processos de formação dos designativos.

Referências Bibliográficas

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos lingüísticos**. São Paulo: Cultrix, 1984.

CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Lindley **Nova Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. **Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. A estrutura e as funções do signo toponímico. In: DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil: Coletânea de estudos**. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992, p. 10-22.

_____. As taxionomias toponímicas. In: **Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos**. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992, p. 31-34.

_____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990. (Tese de Doutorado)

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SANDMANN, Antônio José. **Competência Lexical**. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.

_____. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

SCHNEIDER, Marlene. **Um olhar sobre os caminhos do pantanal sul-mato-grossense: a toponímia dos acidentes físicos**. 2002.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

SOUZA, Carla Regina. **Toponímia e entrelaçamentos históricos na rota da Retirada da Laguna. 2006.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

TAVARES, Marilze. **Toponímia sul-mato-grossense:** um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

TAVARES, Marneide Cassuci. **Estudo toponímico da região centro-norte de Mato Grosso do Sul:** o desvendar de uma história. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.